13 de Maio de 1951 N.º 4

O DESPERTAR

BOLETIM DO MOVIMENTO DE REVIGORAÇÃO DA IGREJA

Redactor: L. R. PEREIRA | Redacção: R. das Janelas Verdes, 32-2.º-LISBOA | Composição e Impressão: Emp. Téc. de Tipografia, Lda. — V. F. Xira

EDITORIAL

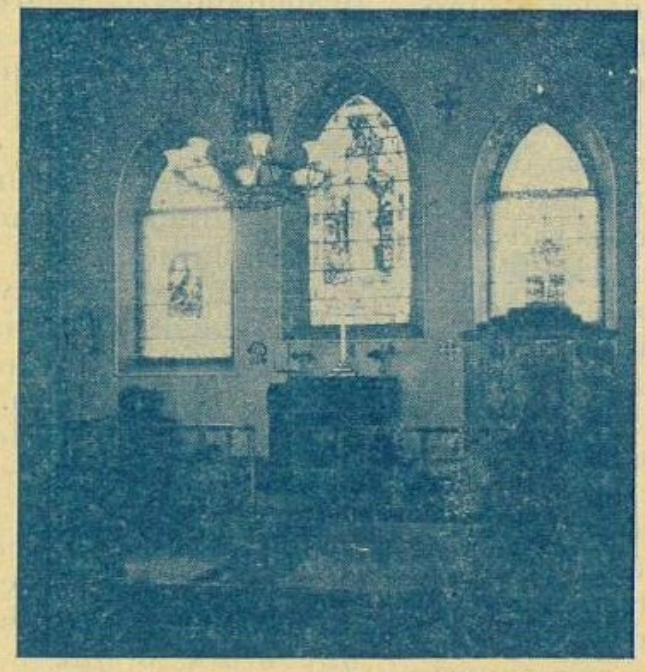
NO dia 12 de Maio de 1901, Diogo Cassels tinha completado mais uma das suas grandes obras. Dedicava-se a Cristo, Salvador do Mundo, um Templo e uma Escola no lugar do Prado, junto da Estação do Caminho de Ferro das Devezas, em Vila Nova de Gaia.

Esse Presbítero devotado, a tantos títulos uma das mais ilustres figuras da jovem Igreja Lusitana, nunca quisera construir sobre fundamentos alheios. Notou que naquele sítio do Arco do Prado não havia qualquer templo onde o povo pudesse escutar o Evangelho e adorar a Deus. E também não havia escola. Então lançou-se à obra, e a obra fez-se. O Templo e a Escola ergueram-se e gerações sobre gerações ali aufeririam as luzes para ganhar a vida, ali receberam a fé para a ganhar no santo temor de Deus.

Diogo Cassels foi certamente um «benemérito e amigo da instrução»; mas não só. Muito mais do que isso, muito mais que simples filantropo, foi um pastor autênticamente evangélico. Dedicou-se escolas, porque tinha na sua alma o amor de Cristo, prègado e adorado nos templos que também construiu. Ninguém pode homenagear o Rev. Diogo Cassels omitindo que era acima de tudo um presbítero da Santa Igreja Católica.

Passaram-se cincoenta anos. O apóstolo já está no Céu. Porém, o Espírito que o animou ainda está connosco. Não morreu. Jesus não abandona a sua Igreja. O Consolador veio para sempre.

E nós aqui estamos. Não possuimos a mesma prontidão no sacrifício; não temos o seu amor às almas; não subimos tão alto, como ele, nas cumeadas da fé. Todavia, o Espírito que o santificou é o Espírito que nos santifica; o Alimento da sua Vida Nova (o Sacramento do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo) é também aquele de que participamos; o Braço Estendido que o guiou, o que nos leva.



O Pároco e a Junta da Igreja do Salvador do Mundo, convidaram o Mo. R. I. a cooperar nas festas desse Jubileu. Não podíamos re-

À roda de uma pergunta

Depois de um Culto matutino, um «crente da velha guarda», quando já a caminho das nossas casas, disparou-nos esta pergunta: — «Somos nós quem vamos absorver a Igreja de Roma, ou é esta que nos está absorvendo?» — «Nem uma nem outra coisa acontecerá» — retorquimos nós.

A pergunta, porém, preocupou-nos. De dedução em dedução, concluimos ser «o crente da velha guarda», nessa manhã primaveril, o expoente daquele período em que a Igreja Lusitana, contemporizando com outros cristãos, parecia abdicar da sua disciplina e princípios, ou pelo menos amortecê-los.

Esta experiência leal, mas mal correspondida, teve de ser melhor definida e mais cautelosa. Contudo serviu para demonstrar que essa contemporização não foi, nem poderá ir além de uma atitude colaboradora da conquista de almas para Cristo, pela apresentação do Seu Evangelho vivido e crido.

Tal colaboração, por uns, deixou de ser compreendida; e, por alguns, não foi respeitada. Assim a Igreja Lusitana necessitou e teve oportunidade para enveredar por um revigoramento, dentro dos seus direitos e possibilidades. Como este revigoramento surpreendeu, vá de o julgar precisado de inovações imitativas.

Precipitado engano! A Igreja Lusitana nem precisa de inovações nem de imitar. Apenas na confusão espiritual e de espíritos que se atravessa, precisa salientar os seus fundamentos nacionais e católicos, ao contrário da Igreja de Roma, que está dando ao mundo, a impressão de se aproximar e imitar o que jamais pode absorver.

Desta maneira evidencia-se, sem se tornar exótica e separatista, que a Igreja Lusitana não quer passar por um grupo de rebeldia política, como não ingressará em qualquer acção de momento. Apresenta-se restaurada, querendo revigorar-se no que os séculos já viram e experimentaram, em matéria de Fé e de Ordem. Isto lhe basta para com segurança concorrer para o bem da humanidade.

É claro: perguntas como as do «crente da velha guarda», só são aconselháveis para uma maior fidelidade ao pensamento dos restauradores de 1882, legando-nos uma histórica e seleccionada liturgia, conformista com a Palavra de Deus, como elemento primordial de adoração e oração no Templo e no Lar. E não se confunda adoração com oração. Embora ambas se completem, na primeira está a continuidade da comunhão dos santos em reverência à comunhão dos séculos passados com o presente século; na segunda, infundida pela liturgia, reside nas almas remidas e reunidas, a catolicidade das suas petições, tanto individuais como colectivas.

Sabemos o que se pensa e diz da liturgia. Toma-se a parte pelo todo, condenando-se a oração escrita, em defesa da oração espontânea, quando ambas têm o seu efeito e ocasião, todavia esquece-se o palpitar uníssono de um Culto, liberto de egoísmos farisaicos.

Por nossa parte e da nossa Igreja-mãe, não somos impenetràvelmente restritos. Respeitamos e, como tal, queremos ser respeitados, como da nossa familiariedade com os ensinos bíblicos tomados diàriamente, encontramos sequência para o antegoso celestial, num culto litúrgico, onde a fraseologia é genèricamente a mesma das inspiradas Sagradas Escrituras.

Concluindo:

Inovações imitativas, não medram na Igreja Lusitana, pois nem avança nem recua, sabendo para onde vai pela firmeza do que crê e ensina. Sendo uma parcela militante do Reino de Deus na terra, prepara as almas para serem triunfantes no Reino de Deus no Céu, na eterna adoração, testemunhada pelo Apóstolo, traduzida na uníssona oração: — *Santo, Santo, Santo, o Senhor Deus Omnipotente, o que era e o que é e o que há-de vir.* (Apoc. 4:8).

C. Pereira Gracio

TRECHOS DE UMA CARTA

Prezada I. F.

.....

Com respeito ao artigo do «Despertar» a que se refere na sua carta, devo-lhe uma explicação. V. tem razão quando diz que os evangélicos gastam papel, dinheiro e tinta a mostrar aos incrédulos que se não entendem. Assim é, infelizmente. Todavia a Igreja Lusitana tem caminhado toda a sua vida a ser apodada de romana, sem nunca dizer uma palavra em sua defesa. Temos tido um pudor exagerado até mesmo de dizer aos nossos o que somos, e tudo isto para, por qualquer modo, não ferir os nossos irmãos que abraçam connosco a luta pela vinda do Reino de Deus.

Quando há cerca de três anos sofremos nas pessoas de alguns Ministros nossos, e em trabalhos ligados à Igreja Lusitana, uma campanha pouco dignificante para os que a moveram, em que até um jornal evangélico se misturou, mesmo assim a Igreja Lusitana nada disse, nada respondeu.

.....

Mas depois de tudo isto, alguns de nós sentiram, que não mais nos devíamos conservar mudos sobre os vários aspectos do que somos, do que queremos. E, numa atitude ao mesmo tempo de defesa contra ataques não merecidos e de elucidação dos nossos, começámos, na «Ecclesia» e neste pequeno boletim, a dizer algo de nossa justiça e a afirmar que desejamos a Reforma da Igreja Romana dentro dos moldes evangélicos, tal como os Reformadores a anunciaram, mas conservando a *Igreja Histórica* e o que ela possuia de bom e de permanente — a Liturgia e o Episcopado — elementos indispensáveis, a nosso ver, da universalidade (CATOLICIDADE) e da continuidade (APOSTOLICIDADE) da Igreja Primitiva, da Igreja dos Apóstolos.

Temos, na verdade, um respeito sagrado por todos os que trabalham em campos diferentes. Estamos, é certo, com todos os nossos Irmãos das várias denominações evangélicas, na mesma Fé em Cristo. Comungamos na mesma luta pela Liberdade de Consciência e pelo valor das Escrituras. Mas ninguém nos pode levar a mal que lamentemos do fundo do nosso coração que a oposição à Igreja de Roma e a Reforma desta Igreja, não sejam feitas no nosso país duma forma mais unida e em conformidade com as aspirações naturais do nosso povo, segundo as suas características raciais e o êxito apostólico dos três primeiros séculos do Cristianismo.

Sem querer ferir a liberdade de cada um e as concepções diferentes que possam ter, preguntamos: — Porque não aceitar a Igreja Histórica já constituída? Está adulterada? Reformemo-la!...

Outros países conseguiram fazer a Reforma Religiosa dentro da Igreja, como a Inglaterra, a Suécia e a Finlandia. E graças a Deus, que em Portugal por iniciativa de alguns padres egressos de Roma, foi restaurada a Igreja Lusitana, que é a Igreja Católica, Apostólica, reformada dentro do espírito nacional, étnico, tradicional, e assente na *Verdade Evangélica*.

V. sabe muito bem quanto eu sou aberto, tolerante e amigo de todos os que confessam o nome de Jesus como seu Salvador e Mestre. Mas a verdade que professamos é esta: Trabalhamos pela Reforma da Igreja Romana, mas sem querer formar *outra Igreja*, ainda que libertando-a da autoridade absoluta do Papa e depurando-a de todas as inovações contrárias ao ensino das Escrituras.

.....

Creia na sincera amizade e admiração do

Mt.º At.º e Venerador

L. F.

EDITORIAL *(Continuação da 1.ª pág.)*

cusar tal convite: antes o abraçámos com imensa alegria e demos uma ideia que foi imediatamente aceite: para comemorar essa data, devia realizar-se uma missão paroquial. Não nos ocorria melhor forma de honrarmos a memória do fundador desta paróquia. Será a *Missão do Jubileu do Prado*.

O nosso redactor, desloca-se ao Norte para dirigir a missão. É assistido pelo autor destas linhas que encontrou a maior prontidão do Presidente do Sínodo, do Pároco e da Junta em facilitar a realização de planos largamente discutidos.

Queira Deus que as mensagens lançadas do púlpito onde o seu piedoso servo, três dias antes de morrer, prègou o último sermão (que vida!), possam levar às almas a mesma paz de Cristo que ele espalhou. Oxalá a Eucaristia oferecida ao Senhor, suba envolta naquela reverente devoção com que ele sempre honrou o Sacramento do Corpo e do Sangue de Jesus.

O primeiro dia das celebrações é a Festa do Pentecostes. Que toda a Igreja Lusitana ponha os olhos na «MISSÃO DO JUBILEU DO PRADO». Como os discípulos estavam unidos no momento da descida do Paráclito, assim nos unamos. A missão não é de uns poucos para uns poucos: é de toda a Igreja Lusitana em serviço de Portugal, ali, no Prado. Que o povo luso-católico do Alentejo, da Estremadura, do Ribatejo, do Norte, se estreite na mesma oração em prol deste esforço. Não teremos um Pentecostes?

Daniel de Pina Cabral

PELA IGREJA

Em sua Assembleia Geral, especialmente convocada para este fim, a Igreja Evangélica de Vila Franca de Xira decidiu integrar-se na Igreja Lusitana, juntamente com as suas Missões de Castanheira e do Carregado.

✶ Conforme a «Ecclesia» já anunciara, esteve no no nosso País de visita à Igreja Lusitana, o senhor D. João Boys, Bispo dos Libombos (Moçambique).

No Domingo, 1 de Abril, Sua Ex.cia Rev.ma, prégou, de manhã, na Igreja Inglesa de S. Jorge onde ministrou a Confirmação a uma senhora; á noite, na Igreja de Vila Franca de Xira.

Nos dias 2 e 5, o nosso distinto visitante, prégou em Cultos de caracter missionário, respectivamente nas Igrejas de S. Paulo (Lisboa) e de S. João Evangelista (V. N. de Gaia); falou em ambos sobre a história e actividades da sua diocese e tomou parte na Liturgia, proferindo a absolvição e a benção.

Pela lhaneza e simplicidade do seu trato e pelo brilho e clareza das suas exposições, o Rev.mo Boys conquistou a simpatia de todos os que tiveram o prazer de o conhecer e ouvir.

✶ Esteve bastante enfermo e ainda não se encontra completamente restabelecido, o Presidente da Comissão executiva do MoRI, Rev. Eduardo Moreira, Ministro da Igreja de S. Paulo, de Lisboa. Os Leitores Liturgicos bem como o Prégador licenciado Dr. Leopoldo de Figueiredo, têm sido de incalculavel valor na manutenção dos Serviços Divinos durante a doença daquele Presbítero, tanto na Igreja de S. Paulo como na Missão de Sto. André (Amora).

Nesta Missão, os Cultos realizam-se de novo todos os Domingos; a frequencia é muito animadora, havendo já ali um bom numero de comungantes.

✶ Continua com aparente êxito, a «Campanha de Evangelização pelo Cinema», levada a cabo, em colaboração com Pastores doutras Congregações Evangélicas, no Salão da ARC, no edificio do antigo Convento dos Marianos. Cada sessão cinematografica é sempre precedida duma mensagem evangélica, dalguma forma baseada na pelicula principal da sessão. Desta forma, teem escutado o Evangelho, pessoas que se recusariam entrar em qualquer Templo Reformado.

NOTA EXPLICATIVA

Vários amigos, abordaram o autor do «Editorial» do ultimo numero deste Boletim e, gentilmente, fizéram-lhe saber que alguns crentes de outras confissões religiosas, haviam tomado á conta de «ataque» as palavras que honestamente ali escrevera.

O autor, em face desta admoestação, sente-se na necessidade de vir declarar por forma expressa, que não estava no seu espirito, ao redigir o «Editorial», e é contrário á sua formação, *atacar* a fé doutros Cristãos, sejam eles quem forem. O «Editorial», como o boletim que o continha, *destinava-se aos fieis da Igreja Lusitana* e procurava tão sómente com a possivel clareza e a maior sinceridade, expôr o ensino da mesma Igreja, sem desrespeito pelo ministrado noutras, na convicção de que o cléro lusitano deve «pôr todo o esmero e lealdade em administrar sempre a doutrina, os sacramentos e a disciplina de Cristo, como Deus tem ordenado e esta Igreja tem recebido segundo o mandato divino» (Livro de Oração pg. 370). Ao fazê-lo, sem respeitos humanos, destaca diferenças entre a Confissão da Fé que adopta, e outras Confissões, diferenças que não pode desprezar por algumas serem de grande importância.

De certo o autor não espera que membros conscientes doutras Igrejas concordem com as doutrinas da sua, e que ele tão fielmente quanto pode, expõe; mas sentir-se-ia magoado se lhe atribuissem um sectarismo atrevido de que julga estar isento.

O que o podia afligir, e afligia com certeza, era que os seus Colegas no Presbiterato, ou os Senhores Bispos que zelam pela nossa Igreja, considerassem errada, por contrária aos principios da Igreja, a doutrina exposta. Isso, porém, não sucedeu e é afinal o que lhe importa.

D. P. C.